

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 658

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

AS GALINHAS ROUBADAS

por ANTÓNIO FERNANDES DIAMANTINO



AQUELA manhã, o «Chico» Pintassilgo apareceu choroso, lamentando-se em altos brados que assustavam os vizinhos, em casa do compadre Cebola.

Julgando-o, como era de prever diante de tal pranto, vítima de alguma infelicidade, «Zé» Cebola interrogou-o com ar protector:

— «Então, compadre «Chico», o que lhe sucedeu?

— «Ora compadre... o que havia de ser?!... (Começou o Pintassilgo.) — Calcule lá que...»

E não pôde continuar. O choro embargava-lhe a voz e tornava-o incapaz de explicar o seu desespero.»

— «Oh! compadre, explique-se... Então *nam* querem ver esta?!» — Dizia o «Zé» impaciente.

Por fim, o compadre Chico resolveu expor o caso:

«Esta só a mim me havia de acontecer, Compadre «Zé».

Então, esta manhã "*nam*" vou ao meu quintal... e "*nam*" dou pela falta de duas das minhas ricas galinhas que eu havia comprado à Tia Brites a semana passada!...»

— «Oh, que desgraça, compadre!» — Exclamou o «Zé» Cebola, na falta de melhor.

— «Olhe, compadre, — acrescentou ele pensativo — mas eu estou cá a desconfiar quem foi o maroto.

Sabe, "só" compadre?... — (continuou, acercando-se mais do



«Pintassilgo») — Eu ontem à noite vi o Euzébio da Anita, a passear por estes sítios; e olhe que ele "*nam*" andava com cara de boa pessoa.

Por causa disso, até por sinal tranquei as portas "*nam*" fôsse o «diacho», com figura do Euzébio, entrar cá e...»

— «Diz bem, compadre; — (atalhou o «Chico» já menos choroso) mas quem é que esperava esta acção daquele maroto? Olhe, vamos combinar a maneira de o castigar. Venha cá para dentro, e depois veremos...»

Durante bastante tempo, estiveram os dois compadres planeando a maneira de castigarem aquele que acusavam

(Continua na página 6)



OUVINDO UMA CONVERSA...

Por TAVARES PINTO

VOU passar a contar aos nossos leitores um caso bastante curioso, passado comigo há já alguns dias, que me tornou um pouco mais instruído do que era, antes de conhecê-lo.

Tão interessante o achei que me disponho a divulgá-lo, na intenção de vos tornar tão «sabições» como eu.

Trata-se de saber o que é, e como é extraída da terra, a hulha, esse carvão mineral, usado nos fogões.

Tão curiosa achei a forma como o soube, que não resisto a relatá-la na íntegra.

Uma destas noites, de muito calor, por sinal, acordei altas horas, com a fronte escaldante, a bôca e os lábios secos.

— Talvez estivesse doente? perguntarão os leitores.

Não; não estava doente, estava apenas com uma sede horrível e de tal ordem que me levantei e me dirigi, a tôda a pressa, para a cozinha, à procura de alívio no contador da água.

Estava nesta piedosa e consoladora obra de caridade, para comigo mesmo:— dar de beber a quem tem sede, quando, da chaminé, ou melhor do fogão, me veio ter aos ouvidos um ruído de vozes extremamente finas. Apurei o ouvido mas não consegui perceber o que se dizia.

E se fôssem gatinhos?...

Como me prezo de ser um... «valentão», apaguei a luz e encaminhei-me, pé ante pé, para o meu quarto, sem dar cavaco a ninguém, a enfiar-me debaixo da cama.

Entrementes, reflecti que não podiam ser ladrões, visto não caber ninguém dentro do fogão, que tal foi o sítio donde provinha a voz.

Voltei à cozinha, mesmo às escuras e, de gatas, aproximei-me da chaminé.

As vozes continuavam.

De súbito, tive outra idéa:

E se fôssem espiritos?...

Senti arripiarem-se-me os cabelos com esta lembrança mas reagi e procurei saber a identidade dos faladores.

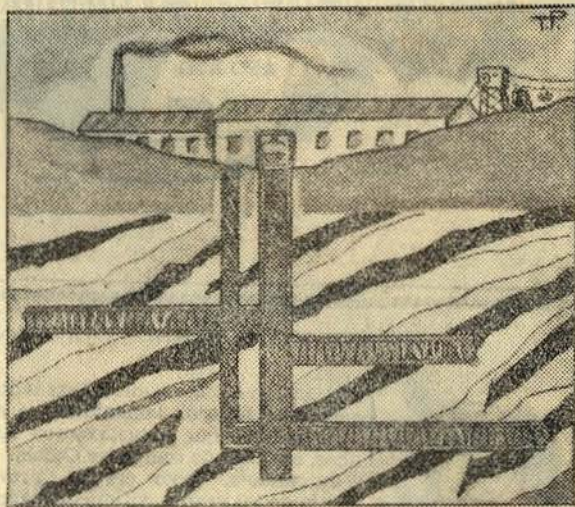
Então, nesta obscuridade, distingi, (preparem-se leitores!...) distingi um bocado de hulha conversando, amavelmente, com o fogão.

Que tal?

Esta cena, que espantaria outro qualquer, não me admirou absolutamente nada.

Pois não tinha eu entrevistado já um serviço de louça?

Não nego, no entanto, que este espectáculo despertasse a minha curiosidade e, a-pesar-de saber que a bisbi-



lhotice é uma coisa muito feia, dispuz-me a escutar a conversa.

Dizia a hulha, dirigindo-se ao fogão:

— «Sim, meu amigo, compreendo que não tens culpa absolutamente nenhuma da minha próxima morte.

No entanto, sinto-me profundamente triste ao pensar que dei tanto trabalho aos pobres mineiros e que vou acabar tão ingloriamente, fazendo — quem sabe? — o café!»

— «Pobre pequena!... (suspirou o fogão.) E não te poder eu valer. Não tens, ao menos, nada a confiar-me? Nada que, tal como o canto do cisne, te alivie e dê forças para esperar tranquilamente o momento final?»

— «Nada, (respondeu tristemente a pedra.) Ou antes, sim, tens razão, vou recordar, contando-ta, tôda a minha vida.

Talvez que a lembrança dos momentos passados me dê coragem para arrostar com os futuros.

Ouve: existiram, há muitos e muitos milhares de anos, enormes florestas que, devido a tremores de terra e outros cataclismos, foram soterradas. Essas árvores gigantescas, sujeitas pressões formidáveis, foram-se petrificando, isto é, transformaram-se em pedras escuras e lúsidias, tal como eu.

A minha origem é, como vês, muito antiga.

Certo dia, lá na profundidade do solo, fui separada, com um profundo golpe de picareta, da enorme pedra de que fazia parte e metida com outras numa vagoneta onde fomos transportadas para um elevador.

Momentos depois, chegava à superfície da mina e via a luz do sol, há tanto tempo encoberto para mim.»

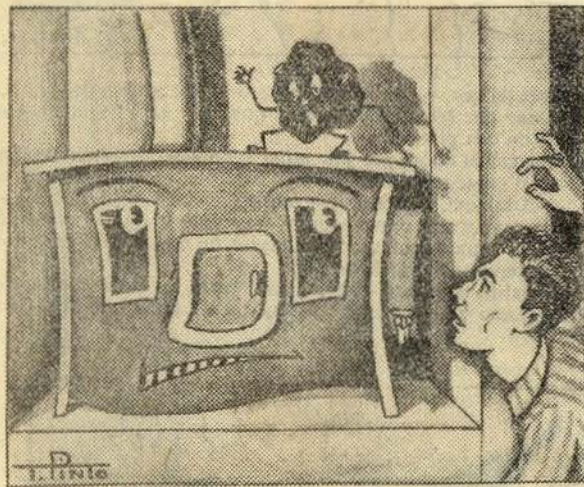
— «Como é e o que é uma mina?» perguntou, curioso, o fogão.

— «Eu te digo: O carvão, que está, por vezes, a grandes profundidades, é entremeado de camadas de terra, ou de carvão e terra, chamadas «borneiro». Para se descobrirem as camadas de carvão, é preciso abrir uns poços profundos e depois umas galerias em várias direcções, até se descobrirem as tais camadas de carvão.

É a este conjunto de poços e galerias que chamam uma mina.

Os mineiros, que são os homens que nos tiram do chão, empregando picaretas ou máquinas, vivem em perigo constante. Ora são os desabamentos, ora é o terrível «grizu», um gás inflamável que se desprende do carvão no fundo das minas e que tem já causado inúmeras vítimas.

E, por último, digo-te que sou uma pedra muito útil, pois, além do combustível, forneço aos homens o gás de



resl...) distingi um bocado de hulha conversando, amavelmente, com o fogão.

Que tal?

Esta cena, que espantaria outro qualquer, não me admirou absolutamente nada.

Pois não tinha eu entrevistado já um serviço de louça?

Não nego, no entanto, que este espectáculo despertasse a minha curiosidade e, a-pesar-de saber que a bisbi-

LEMBRANÇA ACERTADA

Por MANUEL FERREIRA

HAVIA numa aldeia muito longínqua, lá na fronteira, designada por «Pé de Vento» um rapazola chamado Joaquim, que era bem conhecido pelas suas respostas acertadas.

Muito novo ainda, o aldeão, com as suas idéas, livrava-se, muitas vezes, de situações difíceis. Vou contar-lhes um caso sucedido com êle.

Os homens daquele lugar, trabalhadores quasi todos, dedicavam-se, nas horas vagas, à música. Constituíam uma filarmónica em que, muitas vezes, reinava a chinfrineira, embora se

chamasse «União Musical de Pé de Vento.»

As vezes, iam para longe, a muitas léguas de distância, alegrar, com os seus barulhentos números de música, os pitorescos bailaricos. De todos os lados, e em todos os sábados, choviam convites.

Em certa noite de sábado, o chefe da filarmónica apareceu radiante. Recebera um belo contracto. Mas, para isso, tinham de se apressar já, pois a aldeia onde iriam executar os números do seu repertório, distava umas oito léguas. Chegariam lá no domingo, ao amanhecer.

Não foi preciso dizer mais. Num instante, os músicos afinaram os instrumentos, envergaram os uniformes, escovados e limpos, e puseram-se a caminho, depois de preparados os farnéis.

Joaquim era um dos músicos. Tocava flauta e, pelo caminho, ia entreteendo os amigos com os seus ditos espirituosos e as suas respostas prontas.

Assim, ia decorrendo o tempo. A noite estava linda. O luar contornava de branco o arvoredo e os contrafortes de uma serra que seria, em breve, atravessada por êles. Para lá, ficava a aldeia onde,



logo que amanhecesse, se realizaria o arraial.

Chegaram, daí a horas, à serra. Sempre contentes, na perspectiva de bons ganhos, os amigos seguiam. Mas, atrás duma moita de arbustos, dois olhos de fogo, arremelgados, espreitavam. Dum salto e em poucos momentos, um lobo apareceu no caminho. Mas, pouco depois, desapareceu entre o mato.

Ficaram atemorizados com a presença da fera e alegres com a sua ausência depois, mas logo um grande bando de lobos surgiu pela retaguarda da alegre comitiva.

Cresceu o pânico... Os pobres homens, suando e tremendo, pensaram em fugir. Para onde, porém, se a alcatéia era tão grande? Recuar, como? Afugentar as feras, de que maneira? Que fazer?

Os lobos uivavam, sinistramente. Então, os homens resolveram continuar o seu caminho. Mas as feras aproximavam-se muito, muito...

O chefe da filarmónica teve uma lembrança:

«E se nós atrássemos os farnéis aos lobos? Sempre ganhávamos tempo...» Assim foi. A pouco e pouco, os mú-



Joaquim

(Continua na página 6)

iluminação, anilinas, alcatrões, perfumes e mais coisas ainda.

Nêste momento, um relógio, ao longe, bateu compassadamente seis pancadas.

Escusado será dizer que eu seguia toda a conversa com a máxima atenção, tanto assim que as horas se tinham passado sem eu dar por isso.

Receando que a criada se levantasse e me encontrasse ali, em pijama, fiz tenção de voltar para o quarto, levando o carvão, para êle me contar mais alguns pormenores sobre a sua vida.

Dizia êle nesta altura:

— «E fique o senhor fogão sabendo que o diamante, de tanto valor, não é mais que uma pedra de carvão num estado de grande pureza.»

Não hesitei mais.

Peguei nêle, que se calou imediatamente, e levei-o comigo.

Quando cheguei ao quarto, pousei-o na mesa de cabeceira.

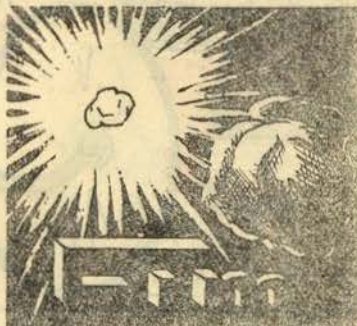
— A «senhora» pedra de carvão, pode dar-me, por favor, mais alguns esclarecimentos sobre o seu passado? disse eu a principiar.

Ela ficou muda que nem um penedo.

Voltei à carga e nada!

E como repetisse a pergunta mais algumas vezes, sem resultado, acabei por desistir.

Ficaria ela escandalizada por eu, indelicadamente, lhe interromper a conversa com o fogão? Não sei!





Um coração bem formado

■ Por DIOGO ALVARO ■

ZÊZINHO, Zêzinho!... gritava, louca de dôr, a pobre mãe do Zêzinho naquela tarde. Haviam soado já as seis horas e o Zêzinho não havia ainda voltado da escola. A pobre mãe, paralítica, isolada na sua casita do monte, distante duas léguas da povoação mais próxima, quasi desesperava pela ausência, já por demais alongada, do seu único amparo.

Aquela hora, já elle costumava ter a ceia, que as suas habilidosas mãos cuidadosamente cozinhavam, quasi pronta, para que os dois, num conjunto harmonioso e encantador (digno do pincel do mais hábil artista) — pudessem saciar a fome. Quando a pobre mãe viu que eram já quatro horas e que o filho não voltava, começou a atormentar-se; tentou ainda disfarçar a aflicção, afagando o fogoso cão «Jau»

companheiro inseparável dos dois; todavia as horas corriam, e a pobre senhora não mais conseguiu ter mão em si: — Tentou, em vão, levantar-se, pois uma horrível paralisia havia-lhe tolhido as pernas há já quasi 5 anos, e a pobre senhora, sôzinha, isolada, tentou fazer-se compreender ao pobre «Jau». Este, talvez impressionado com a aflicção da dona, gania e percorria velozmente a pequena casa. No entanto, a solidão permanecia. A janela aberta em frente do leito da doente, deixava que esta descortinasse os zigue-zagues da estrada a alguns quilómetros de distância. Quão grande era a sua amargura ao ver a estrada deserta. O que teria acontecido ao Zêzinho? E as ideias más atropelavam-se velozmente no cérebro da pobre mãe, confrangindo-a a um sofrimento atroz.

E afinal o Zêzinho, de tão bom cora-

ção e nobres sentimentos, encontrava-se mais uma vez num recanto do caminho do dever. Saía da escola numa alegria louca, com essa alegria que, em geral, se apossa de quasi tôdas as crianças, satisfeitas com o cumprimento do seu dever. Eis senão quando, um grosso volume caído à borda da estrada, lhe saltou à vista. Aproximou-se, e qual não foi o seu espanto ao deparar uma volumosa carteira; em breve a abriu. Então, os seus olhinhos negros de carvão, fusilaram, ao avistarem 3 grandes maços de notas do banco. Olhou à sua volta, e só nesse momento reparou que se encontrava sôzinho. Os companheiros haviam seguido o seu caminho, não dando pela sua brusca paragem. O coração pulsava-lhe velozmente; as pernas tremiam-lhe, e então uma ideia má passou, qual relâmpago, pelo seu pequenino cérebro: — «Ah — (disse) com este dinheiro posso já fazer a minha felicidade, mais a da mãezinha. Iremos fazer uma grande viagem; comprarei um fato novo, e não mais volto à escola.»

O seu anjo da Guarda ouvira, atento, este pensamento, lá longe no céu. Sem perda de tempo, agarrou na sua varinha mágica, dirigiu-se à terra e apressou-se a tocar-lhe na sua bondosa alma. Zêzinho dir-se-ia haver dado um pulo, e mil vezes se arrependeu de haver formulado tal pensamento: — «Não, este dinheiro não me pertence; alguém o perdeu e o meu dever será procurar o seu dono



Josézinho no Jardim da Estrela

Por FRANCISCO VENTURA

O nosso bom Josézinho
Farto do arco e da pela,
Foi pedir ao seu paizinho
P'ra ir ao jardim da Estrela.

E lá foram, muito alegres,
Numa tarde dêste v'rao.
Josézinho nem cabia
Em si de satisfação.

Levava tanto alvoroço
Que até disse no caminho,
Que o carro ou estava parado
Ou ia devagarinho.

Quando chegou, que alegria
Dentro do peito sentiu!
E ficou como que tonto
Com tudo quanto ali viu.



Havia lindos cavalos,
Cavalhadas, balancé,
Cadeirinhas com coelhos
E bela piscina até.

Josézinho, entre isto tudo,
Nem sabia o que fazer:

Fechou a carteira e, cuidadosamente, guardou-a num bolso. Dirigiu-se, então à escola em procura do professor que, por infelicidade, já havia saído. Foi então que se lembrou de ir à vila que ficava ainda bastante distante. Se bem o pensou, melhor o fez. É certo que levou horas e horas para atingir o fim do seu caminho mas, também, não é menos verdadeiro que ia praticar um acto de honradez. Encaminhou-se para o Posto de Polícia e aí depositou a carteira. O chefe simpatisou com ele, agradeceu-lhe e perguntou-lhe quem era. — «Chamo-me Zézinho e moro muito longe.»

— «Então, onde moras tu?»

— «Moro com minha mãezinha, que é paralítica das pernas, numa casinha, lá acima, além, naquele monte...» E com o dedo indicou um grande monte, no qual, a custo, se via uma pequena mancha branca — a casa do

Se ir nadar para a piscina,
Se ir nos cavalos correr.

O pai, ao vê-lo parado,
Disse-lhe: — «Então, Josézinho?
Não brincas com coisa alguma?
Porque estás tão paradinho?»

Ele, ouvindo isto do pai,
Fez-se muito vermelhinho,
Mas não se mostrou zangado
Nem fez um feio beicinho.

Antes, com ar superior,
Disse: — «O' pai, então não vês
Que estou a pensar na forma
De ir em tudo de uma vez?»

II

Josézinho, após um instante
Em que esteve a meditar,
Foi andando, lentamente,
Para tudo em volta a olhar!...

Quási sem se resolver
A tentar qualquer brinquedo,
Sòmente neles tocando
Levemente com um dedo.

Isteve junto do lago
Mas ficou indiferente
Com a bola e com o peixe
Sobre a água reluzente.

Foi ao pé dos cavalinhos
Mas não sentiu tentação
De ir, também, em correria
Tal e qual como um pião.

Zézinho — e onde, mais longe ainda, se descortinavam num outro monte, quási oposto, umas nove casas que constituíam a aldeia onde ficava a escola. Duas lágrimas assomaram aos olhos do chefe. Tantos quilómetros havia andado aquele petizinho para entregar o que lhe não pertencia! Chamou o imediato e mandou que o menino fosse conduzido a casa, numa charrette. Em breves momentos, a charrette atingiu o alvo, e fácil será calcular qual não foi a alegria da pobre mãe, ao ver o filho são e salvo. Os seus olhos inundaram-se de pranto, pranto de alegria, e mais ainda se acentuou a sua satisfação, quando Zézinho, também um pouco comovido, lhe contou tudo.

A carteira pertencia a um rico lavrador de Trancoso que, tendo ido a cavalo a uma sua propriedade, com os balanças do animal, a havia dei-



Foi até ao balancé
Mas achou que era maçada.
Ir acima, vir abaixo...
Que coisa desengraçada!

Mas, de repente, os seus olhos
Encheram-se de alegria
E logo saiu dali
Em enorme correria.

(Conclui na página 6)

xado cair. Avisaram-no do sucedido e ele, num gesto generoso, mandou que um dos maços de notas fosse entregue ao Zézinho e à sua mãe, como prémio do valioso acto que praticara.



AS GALINHAS ROUBADAS

(Continuação da página 1)

do desaparecimento das duas galinhas do «Chico» Pintassilgo.

Era à tardinha. Numerosos trabalhadores regressavam a suas casas, finda a faina diária, com as enxadas ao ombro, alguns cantarolando, alegres e satisfeitos.

O «Chico» Pintassilgo e o «Zé» Cebola, cada qual com o seu varapáu, esperavam, emboscados, que o Euzébio passasse para lhe aplicarem o correctivo, até que o lobrigaram ao longe.

Imediatamente os dois compadres se esconderam.

Vinha satisfeito o Euzébio; bailava-lhe nos lábios um sorriso de alegria e despreocupação.

O Chico, quasi a chorar, disse, então, ao Cebola:

— «Vê, compadre? O maroto vem-se a rir e se calhar de satisfeito por já ter comido alguma das minhas ricas galinhas que tanto suor me custaram.»

Nisto, precipitadamente, saltaram para a estrada e dirigiram-se ao Euzébio, evidentemente com más intenções, o que este logo notou.

O «Zé» Cebola, com cara de carrasco, pôs-se a gritar:

— «Oh! «Só» Euzébio, diachos me levem se você «nam» pagar, aqui mesmo, as galinhas que furtou ao meu compadre!»

O ameaçado olhou para eles com um rosto em que se lia mais espanto do que medo, mas nada retorquiu, estupefacto ante aquela acusação imprevisita.

Sim, éle, na noite anterior, tinha estado perto da casa do «Chico» Pintassilgo, mas sómente à espera dum amigo, com quem tinha ido à cidade, onde passara a noite, para tratar dum pequeno negócio.

Como o Euzébio tivesse ficado calado, supondo ser o seu silêncio a confirmação da acusação feita pelo «Zé», este ameaçou-o:

— «Ou você lhas restitue ou...»

— «Deixem-se dessas brindadeiras de mau gósto— Atalhou o Euzébio, já carrancudo) — senão...»

— «Senão o quê? Ora vamos lá a ver, seu ladrão, seu pilha...»

Mas não acabou. O Euzébio ofendido na sua dignidade de homem honrado, saltou repentinamente e, arrancando-lhes os cajados das mãos, arremessou-os para longe.

Os dois compadres, que sómente armados eram valentes, voltaram as costas ao Euzébio, sem cerimónia, ao mesmo tempo que moviam as pernas com tal rapidez que, dentro em pouco, desapareciam das vistas do honrado homem, o

qual, embora sem vontade, não pôde deixar de sorrir, em face daquela prova de valentia.

... Mas os dois compadres não desarmaram.

E, nessa noite, escondidos no quintal do Pintassilgo, esperaram que o ladrão voltasse para roubar as restantes galinhas.

Segundo o seu critério, o ladrão era o Euzébio da Anita. Altas horas da noite, quando já começavam a desanimar, ouviram uma restolhada perto.

Calcule-se, agora, o espanto de ambos quando viram aparecer um enorme lóbo que se dirigiu para a capoeira, tentando entrar por um buraco que esta tinha na parte posterior e cuja existência o «Chico» desconhecia, pois fôra o próprio carnívoro que o fizera na noite anterior.

O «Zé» Cebola não esperou mais... Apontando uma espingarda caçadeira, com que estava armado, matou o lóbo que tão ousadamente roubava as galinhas.

Já convencidos da inocência do Euzébio, agarraram no animal e foram, imediatamente, a casa do Euzébio que dormia sossegado.

Qual não foi, porém, o seu espanto, quando viu os dois compadres dirigirem-se a éle, pedindo-lhe perdão.

Benevolente, como era, perdoou-lhes, depois de ambos afirmarem que não mais tornariam a culpar qualquer pessoa, não tendo provas da sua culpabilidade.



JOSÉZINHO NO JARDIM DA ESTRÉLA

(Conclusão da página 5)

E' que acabava de ver,
Abandonada no chão,
Uma bela bicicleta,
A sua grande ambição!

E com ela bem segura,
Logo foi por ali fóra,
Para o pé do pai, gritando:
— «Paizinho, vamos embora!»

— «Para quê, rico filhinho?»
E éte, em gesto teatral:
— «E' para eu ir, sem demora,
Dar a volta a Portugal!»

UMA LEMBRANÇA ACERTADA

(Conclusão da página 3)

sicos foram-se despojando das merendas. Daí a meia hora, já não tinham com que satisfazer a gula das feras E a aldeia estava ainda tão longe...

Então, batendo na testa, teve o nosso bom Joaquim uma idéa luminosa:

— «Já que nós não comemos as merendas e estamos arriscados a ser comidos, tomemos uma resolução: agarraremos nos instrumentos e desatemos a tocar, desafinadamente.»

Seguiu-se aquela indicação. E ao ouvirem a grande barulheira de tam-

bores, os lóbos, uivando, desapareceram para nunca mais voltar.

A lembrança fôra genial. O Joaquim foi levado em triunfo. E o chefe da filarmónica, passado o perigo, ria, dizendo:

— «Se tu te tivesses lembrado disso mais cedo, escusávamos de atravessar a serra, com a barriguinha a dar horas.»

Mas quando, daí a pouco, no ballarico, contaram a aventura que lhes sucedera, todos os festeiros, cotisando-se, resolveram oferecer aos músicos

uma boa merenda. E o Joaquim sentia-se orgulhoso por ter salvo a «União Musical de Pé de Vento...»



CURIOSIDADES QUEM ADIVINHA?...

OS PERIGOS DA PONTUAÇÃO

Um pai de família tinha na escola um filho muito travesso que se chamava Pedro como o mestre-escola. O pai mandou, um belo dia, por ele, uma carta para o mestre.

O rapaz, que era finório, fez uma coisa que os meninos nunca devem fazer: abriu, com todo o cuidado, a carta, sem rasgar o sobrescrito, e leu o seguinte:

«Sr. professor: Pedro é um tratante; o senhor corrigi-lo-á como merece;



o senhor delegado prendê-lo-á, qualquer dia, por bater nos meninos. De modo que, se não se emendar o menino, far-me-á sabedor e dar-lhe-ei uma boa sova.

Seu criado obrigado

F.3

Sem perder um minuto, o pequeno, abrindo o canivete, raspou a pontuação e alterou-a, resultando a seguinte redacção:

«Sr. professor Pedro: é um tratante o senhor; corrigi-lo-á como merece o senhor delegado; prendê-lo-á qualquer dia por bater nos meninos. De modo que, se não se emendar, o menino far-me-á sabedor, e dar-lhe-ei uma boa sova.

Seu criado obrigado

F.3

O LAGARTO DAS FARMACIAS

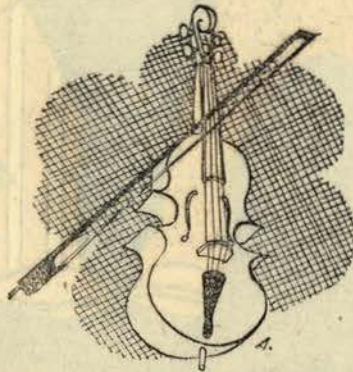
Nas sêcas areias dos desertos, habita uma espécie de lagarto que se move com tanta facilidade à superfície da areia como debaixo dela. Cos-



tuma até dizer-se que este bichinho não anda, mas sim, nada na areia.

É conhecido pelo nome de «Lagarto das farmácias» e esta designação justifica-se pelo facto de ser utilizado desde a mais remota antiguidade, para preparar substâncias farmacêuticas.

UM CONSTRUCTOR DE VIOLINOS



Um famoso construtor de violinos, Benjamin Carlton, residente nos Estados Unidos da America, é, também, um apaixonado naturalista e possui uma interessante colecção zoológica.

Certo dia teve a original idea de utilizar-se, para fabricar um violino, de uma das pinças de um crustáceo de grandes proporções. O resultado foi excelente, tendo o instrumento alcançado um grande êxito em vários concertos.

A direita:

Solução do problema do número anterior



Formar, com as letras que compoem esta cara, o nome dum grande poeta, a quem a mocidade muito deve.

Solução do número passado

João Baptista da Silva Leitão Almeida Garrett. — Nascido no Porto em 1799 e falecido em 1854 em Lisboa, foi um dos maiores escritores do século passado. As suas obras principais, são: «Alfageme de Santarém», «Frei Luiz de Sousa», «Filipa de Vilhena», «Camões» e «Viagens da minha terra».

A nossa construção de hoje

Não sei se os leitorinhos sabem que o Bucha e o Estica são duas pessoas extremamente delicadas.

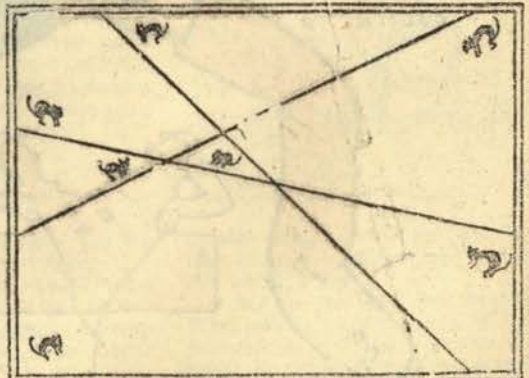
E como têm milhões de amigos e conhecidos, todo o seu tempo é pouco para os cumprimentar.

Ei-los aqui, tirando e pondo o chapéu, numas atitudes engraçadas... se os amiguinhos os quizerem armar, está bem de ver.

Para isso, prendam os furos AA, BB, com uns fios ou *ataches* e depois, com umas linhas, como verão no esquema, os furos C e D.

E pronto!

Basta agora puxar a linha que prende estes dois últimos furos, para verdes a veracidade das minhas palavras.



PARA ARMAR

DELICADEZAS

POR

TAVARES PINTO

